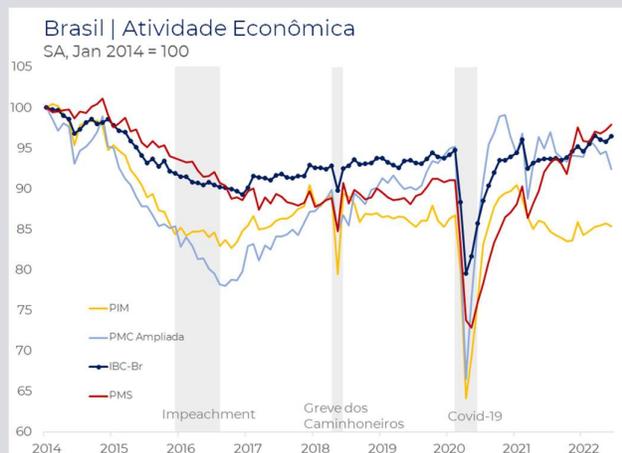


Blue Notes | Fechamento da Semana | 19 de agosto 2022

E foi dada a largada! Nessa semana, iniciou-se oficialmente a campanha eleitoral, o que deve fazer com que o interesse do mercado por esse tema se eleve ainda mais. As pesquisas recentes têm mostrado uma liderança de 2-dígitos do ex-presidente Lula sobre Bolsonaro, mas também indicam um estreitamento gradual dessa vantagem. Especialistas apontam que essa tendência de fechamento do gap deve continuar, com o atual presidente capitalizando os benefícios fiscais concedidos recentemente para a camada mais pobre de eleitores. Uma corrida mais competitiva deveria ser mais positiva para os mercados, assumindo-se que seria indutora de campanhas mais voltadas para o centro, com menos radicalismo tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista institucional. Mas não se deve baixar a guarda para eventuais ondas de aumento no ruído político, principalmente num momento em que os mercados globais também parecem entrar numa fase menos favorável, com ansiedade acerca da política monetária voltando ao radar dos investidores.

IBC-Br melhora em junho e favorece projeções para o PIB deste ano.

Com crescimento de 0.69%*m/m*, *sa*, a atividade econômica medida pelo IBC-Br se recuperou em junho, acumulando avanço de 0.6% no 2º trimestre. O resultado representou uma surpresa positiva em relação ao consenso e deve dar mais força às projeções de crescimento do PIB para este ano. O IBC-Br em junho representou uma recuperação em relação às quedas verificadas nos meses de maio e abril, que deve estar relacionada ao crescimento do setor de serviços e da agropecuária. As medidas de estímulo fiscal recentemente implementadas pelo governo aliadas a um mercado de trabalho em ciclo de recuperação devem dar sustentabilidade à demanda doméstica. Todavia, as pesquisas setoriais do IBGE mostraram uma dinâmica com sinais mais fracos na indústria e, principalmente, no comércio, refletindo uma migração natural da demanda de bens para serviços.



Fed dependente dos dados se depara com resiliência da atividade.

As minutas da decisão de julho refletiram muitos dos pontos levantados na conferência de imprensa. A convergência da inflação continua sendo a prioridade, com o comitê ponderando entre os riscos de prover aperto menor ou maior do que o necessário. Não houve indicação quantitativa para setembro, que continua bastante dependente dos dados. Nesse sentido, as divulgações mostraram uma economia resiliente com expansão da indústria ainda que desacelerando na margem e detalhes encorajadores para o consumo, que parece estar se beneficiando do arrefecimento dos preços dos combustíveis. As atenções se voltam para o simpósio do Fed na semana que vem e o tom a ser adotado por Powell, após um afrouxamento das condições financeiras mesmo sem sinais fortes de mudança na dinâmica inflacionária.

Na Europa, pressões inflacionárias em alta.

Inflação de julho foi confirmada em 8.9% na Zona do Euro, além da forte contribuição de alimentos os detalhes indicaram uma persistência maior com espalhamento para componentes mais inerciais de serviços. No Reino Unido, o número surpreendeu o consenso acelerando para mais de 10% com ganhos disseminados. Na Alemanha, preços ao produtor registrou alta acumulada acima de 37%. Sem se beneficiar por inteiro da queda recente das commodities por conta dos problemas com o gás vindo da Rússia, pico da inflação ainda parece mais distante no continente.